

NADA A FAZER

Flávio R. Kothe

Pois é, meu amigo, não há nada que tu ou eu possamos fazer. Eu tive um amor grandioso, pleno de enlevo e ternura, quando estudava em Berlim. Isso foi há uns 50 anos e ainda hoje não estou pronto a falar sobre ele.

De manhã cedo essa mulher me apareceu num sonho, com a idade que tinha em 1970. Ela me sorriu, com simpatia. Eu senti bem querer, quase rendido aos seus pés. Estávamos num bonde entre outras pessoas.

Eu sei hoje como sabia há 50 anos que ela seria a mulher da minha vida. Mesmo assim me separei dela antes que nosso relacionamento aprofundasse. Estranho? Sim, estranho. Não sei se agi certo. Provavelmente não, mas decidi não pagar para ver.

No meu trabalho em 1969, conheci uma colega que tinha sido motorista de Marighela. Ela me confidenciava coisas que era melhor não saber. Um tio meu, único irmão do meu pai, tinha sido oficial do exército e aparecera morto de repente. Disseram que tinha sido um acidente em um exercício de tiro. Outros oficiais, amigos dele, se encontravam com minha tia e talvez eu devesse a eles não ter sido pendurado no pau de arara. Tinham me recomendado sair do país. Embora eu fosse contra a ditadura, eu achava, porém, que a guerrilha era um erro.

No início de 1970, eu estava em Bonn onde fazia um curso de língua alemã e me encontrei com Bernd, que eu conhecera na Universidade de São Paulo. Ele era aluno no departamento de língua portuguesa da Universidade de Bonn, no qual tinha surgido uma disputa violenta, pois assistentes do catedrático o haviam acusado de ter sido membro do partido nazista e, como tal, deveria ser eliminado da universidade. Embora fosse verdade, ele não foi demitido. O governo

alemão desde Adenauer estava mais cheio de antigos membros do NSDAP do que se queria admitir. Os assistentes queriam disputar entre si a cátedra, mas tiveram de buscar refúgio em outros lugares, como a recém-criada universidade de Bremen.

Bernd era o mais violento de todos. Disse que tinha de sair de Bonn porque havia subscrito um manifesto contra o catedrático. Num canto, um doutorando, Wolf, me disse em voz baixa que o pai de Bernd tinha sido um oficial nazista. Ficou entre nós pairando a pergunta de saber se ele era mais crítico por ter o rabo familiar preso, se estava fazendo uma vingança edipiana contra o pai ou se era tudo encenação. Afinal, ele vivia à custa do pai.

Bernd me disse que pretendia mudar para Berlim, pois estava sendo criado um Instituto Latino-Americano, em que esperava obter um emprego futuramente. Como eu estava inscrito na Universidade-Livre de Berlim, ele me convidou a dividir com ele um apartamento que ficava perto de Dahlem e estava ficando vago. O defeito é que não tinha chuveiro, mas que isso era frequente em moradias antigas e dava para resolver nas saunas públicas que havia pela cidade. Sem alternativa, aceitei.

O apartamento estava ocupado por uma psicóloga que fazia seu doutorado. Chamava-se Berbel e estava mudando para um apartamento mais perto do centro, com chuveiro. Bernd deu a entender também que tivera ou pretendia ter um relacionamento mais íntimo com Berbel, mas eu não prestei atenção. O apartamento que ela ia ocupar pertencia a uma amiga que trabalhava para o governo e havia sido transferida.

Mudamos para Berlim Ocidental, que ficava dentro do Muro e era ocupada por tropas francesas, inglesas e americanas, dividindo a cidade em diferentes zonas. A zona russa era Berlim Oriental, capital da Alemanha Oriental. Bernd e eu ocupamos o apartamento, que era o andar de cima de uma casa, em cuja parte de baixo morava um ex-reitor da universidade. Era uma região tranquila, de casas rurais, que não fora atingida por bombardeios na Segunda Guerra. Havia dois ônibus: um que ia por Dahlem, onde ficava a Universidade, e outro que passava por Steglitz na direção do centro, que ficava então próximo ao Zoológico.

Quase cada noite Bernd telefonava para Berbel, arrastando a asa, até que uma noite ela pediu para falar comigo: trocamos algu-

mas palavras em português. Um mês mais tarde fomos convidados para uma festinha na casa de uma alemã que tinha vivido vários anos no Brasil. Como era costume nas festas estudantis, cada um levou algo, eu levei um vinho tinto. Lá eu conheci pessoalmente Berbel, mas também Christine, a amiga dela que lhe havia alugado o apartamento, pois tivera de mudar para Bonn, então a capital do país. Christine tinha voltado para resolver algumas questões pendentes e estava hospedada no seu antigo apartamento com Berbel.

Fiquei conversando com a dona da casa, Kathrin, que me disse que queria que nos sentíssemos bem recebidos e não solitários. A conversa correu animada e percebi que Berbel me olhava com atenção. Quando fui apanhar um pedaço de Apfelstrudel, coincidiu de Berbel estender sua mão e nossas peles se roçarem. Senti uma faísca. Ela me sorriu de um modo matreiro, formando duas covinhas no rosto. Ela era o que os berlinenses chamavam de “kächsig”, uma jovem com um charme sedutor.

Quando nos despedimos, por acaso aconteceu de que eu ficasse sozinho com Berbel no hall. Eu a toquei na cintura, ela se aconchegou em mim. Dei-lhe então um beijo na boca, ela retribuiu. Logo nos separamos, pois ouvimos vozes de outros se aproximando. Estavam combinando um passeio pelo Gruenewald, uma grande floresta que havia na cidade, com trilhas e lagos. Parecia natural, mas tinha sido toda plantada. Fazia parte da vida dos berlinenses caminhar ou andar de bicicleta pelas matas, mesmo no inverno.

Retornei com Bernd para o apartamento, no qual cada um tinha um quarto. Na noite seguinte ouvi que ele havia ligado para Berbel e estava arrastando a asa feito galo assanhado. Eu não sabia o que falavam, havia duas portas fechadas e eu não estava interessado em bisbilhotar. Lá pelas tantas a porta da sala abriu e Bernd me disse que Berbel queria falar comigo no telefone.

Ela foi simpática, dizendo que estava fazendo o doutorado em Psicologia Social. Contou que o pai tinha sido um químico que falecera em Berlim durante a guerra e que ela havia sido criada num internato de órfãos, dirigido por sua mãe. O posto que ela ocupava era temporário, servia para dar umas aulas e concluir a tese. Eu expliquei que estava com uma bolsa, mas não esperava que me permitissem concluir o doutorado em quatro anos. Mal sabia eu que um ano de-

pois minha bolsa seria subitamente cortada. Conteí algumas coisas sobre as prisões, torturas e assassinatos que estavam ocorrendo no Brasil, especialmente a recente demissão de professores universitários por conta do AI-5. Eu disse que o critério não parecia ser se o professor tivesse citado Marx, mas se fosse brilhante e desempenhasse um papel de relevo na vida acadêmica.

Os telefonemas aconteceram nas noites seguintes e cada vez ficávamos mais tempo conversando, nenhum querendo ser o primeiro a desligar. Um mês depois ela me convidou a jantar em sua “Wohnung”, o apartamento em que morava. Deu-me o endereço e explicou como chegar lá.

No sábado à noite lá eu estava, com uma caixa de chocolates e uma garrafa de vinho tinto. Quando ela abriu a porta, fiquei encantado com o abraço que ela me deu enquanto me fazia entrar. Tirei o capote, as luvas e o chapéu. Ela colocou um disco de Vivaldi e acendeu velas bojudas na sala. Abri o vinho e brindamos ao encontro.

Sentados lado a lado no sofá, em pouco tempo estávamos nos beijando e abraçando, tirando as peças de roupa e nos estendendo no tapete forrado. O jantar teve de esperar por nós. Depois da sobremesa e mais um vinho, voltamos a fazer amor. Eu saí antes da meia-noite, para não perder o último metrô de superfície.

Não conteí nenhum detalhe a Bernd nem ele me perguntou. Apenas disse que eu havia jantado com Berbel. Ele insistiu na tese frequente na Universidade Livre, de que casar era fazer da mulher uma propriedade privada e que o sexo deveria ser livre, aberto, não devendo haver relações de privacidade exclusiva, que isso era algo atrasado e primitivo, próprio de um país colonial, não cabia em Berlim. O socialismo devia começar com a revolução das relações amorosas. Por isso, os estudantes tinham inventado as “comunais”, em que rapazes e moças moravam juntos, sem pares fixos.

Eu ligava para Berbel só quando estava sozinho em casa. Eu queria entender o que se passava ali, naquele meio que era estranho para mim; ela queria saber sobre os subterrâneos do movimento estudantil brasileiro, a eliminação de professores, a situação das universidades no Brasil. Tivemos mais alguns encontros discretos em sua moradia.

Uma noite em que eu estava sozinho na moradia, recebi um telefonema de Christine, vindo de Bonn. Naquela época, em torno de 1970, telefonemas à distância eram caros e, em geral, curtos e concisos. Christine disse que tinha tentado várias vezes conversar com Berbel, mas não conseguira e, por isso, pedia que eu transmitisse um recado urgente. Ela havia recebido diversas reclamações de vizinhas do seu apartamento, dizendo que dele vinham ruídos e guinchos muito altos de relações sexuais. Elas haviam feito um abaixo-assinado e ameaçado usar o “Kuppelei-Paragraph” contra ela, que era a proprietária e, portanto, responsável por estar abrigando atividades sexuais em sua propriedade. Sem perguntar se eu estava sendo acusado, eu disse que transmitiria o recado, assim que desse, como fiz no dia seguinte.

Havia sido feita uma reforma no Código Penal, com validade a partir de abril de 1970. No parágrafo 180 se previam sanções contra encontros de casais em moradias. Discutia-se se casais não casados podiam pernoitar juntos em hotéis ou se estes deviam exigir certidões de casamento. Os estudantes se voltavam contra as penas de prisão e multa aí previstas, enquanto a população idosa de Berlim queria que elas fossem tornadas mais rigorosas.

Somente em 1973 o movimento estudantil conseguiu que pessoas acima de 16 anos de diferentes sexos e não aparentadas pudessem ficar sob o mesmo teto. Em 1970 havia interesse de mostrar que, com a introdução da pílula anticoncepcional, os costumes estavam degenerando e que era preciso tomar medidas contra isso. A questão é que essas pessoas mais idosas eram as proprietárias das moradias, sendo os inquilinos muitas vezes estudantes que vinham da Alemanha Ocidental.

O jovem alemão que estudasse na Universidade Livre, criada pelos americanos em contrapartida à antiga Humboldt-Universität que estava do lado russo, ficava dispensado do serviço militar (que naquela época era de quase dois anos). Isso fez com que na Freie-Universität se juntassem milhares de jovens antimilitaristas, rebeldes, libertários, esquerdistas. Eles haviam exigido a eleição do reitor e dos diretores de instituto, criado as “comunas” e exigiam a reforma do Código Penal, liberalizando os costumes. Logo esse movimento se voltou também contra a presença de tropas estrangeiras de ocupação, principalmente americanas, em território alemão: daí surgiu o grupo

Baader-Meinhof, que explodiu uma bomba no quartel americano em Heidelberg e depois foi todo liquidado.

Quando veio o telefonema dizendo que Berbel deveria devolver o apartamento, parecia que só me restavam dois caminhos: eu me sentir culpado por ter causado o problema ou lembrar que eu não havia me posto a berrar quando estava com ela. Quanto mais refletia, mais chegava à segunda conclusão. Isso significava, porém, que ela estava fazendo um *drive-test* com dois carros, para ver qual ela escolheria. Tudo era errância e obscuridade.

De qualquer modo, repassei o recado de Christine para Berbel e depois para Bernd. Dos dois ouvi um tratado jurídico-sociológico sobre o conflito em curso na sociedade berlinense e que as velhas viúvas de guerra vinham soltar suas frustrações contra a geração mais nova. Eram projeções das velhas, que colavam copos nas paredes e projetavam no outro lado a fantasia desbragada que povoava suas mentes indecentes. Estranhei que os dois tivessem o mesmo discurso, como se tivessem ensaiado suas falas. Para Berbel eu disse que ela talvez quisesse voltar ao antigo apartamento, já que havia perdido o novo.

Uma semana depois fui visitar uma colega, Celine, uma linda moça de Hannover, com a qual eu costumava conversar no nosso instituto. Ela morava no Roseneck, um lugar considerado nobre e onde Walter Benjamin havia morado. Tinha longos cabelos negros e olhos de um azul celeste, não um azul claro nem escuro, mas celestial, como se iluminados por um sol interior. Eu queria fazer uma viagem em julho para o norte da Baviera. Ela me recomendou conhecer a arquitetura do mestre barroco Balthasar Neumann, a começar por Vierzehnheiligen. Eu queria conhecer essa alternativa ao barroco do Brasil.

Quando ela me abriu a porta e nos assentamos na sala, passamos a ouvir uma linda voz de soprano, cantando uma ária da Condessa de Almaviva. Eu silencieei. Celine me disse:

— É a Schwarzkopf. Ela mantém um apartamento aqui, que ela usa quando passa por Berlim. Tenho o privilégio de concertos maravilhosos.

Piscamos os olhos um para o outro. Em silêncio Celine foi fazer um chá, que ficamos bebendo calados, deixando que o “Staendchen”

de Schubert nos fascinasse. Eu havia trazido uns bolos de massa folheada, que comemos em silêncio. O ensaio da diva acabou, eu havia trazido uns mapas da região e um caderno para anotações. Celine me deu explicações detalhadas sobre onde ir, qual a igreja a ver, qual a cidade que havia por perto para visitar, como Bamberg e Rothenburg.

Depois Celine me perguntou algumas coisas pessoais. Eu disse com ironia que vinha de um movimento estudantil preocupado com o modo de produção e estava vendo que o movimento alemão estava mais preocupado com o modo de reprodução. Contei por alto o telefonema que havia recebido. Ela confirmou que estava havendo um conflito, mas via isso de longe, do alto, da postura sobranceira de uma moça de família rica, que não precisava alugar quartos e apartamentos como a maioria.

Vendo que eu estava um tanto cabreiro com o que acontecia nas metrópoles europeias, resolveu me contar que ela mesma tinha dois amantes, um em Heidelberg, outro em Berlim. Com um sorriso maroto, disse que poderia acrescentar um terceiro. E fez um gesto de se aproximar de mim. Eu me levantei e disse apenas:

— Eu venho de um meio muito diferente de vocês. A distância geográfica é distância no tempo.

— Então está na hora de você chegar aqui.

Sentei novamente, na ponta do sofá, para perguntar se princípios éticos eram apenas usos e costumes de um lugar e momento, a serem resolvidos pela sociologia, ou se havia princípios gerais, que deveriam valer em todos os tempos e lugares. Ela disse:

— Daí vira religião, com o pressuposto de um só Deus.

— Pergunto se há um amor absoluto, de vida toda, que não tolera qualquer outro relacionamento, simplesmente porque não lhe interessa. Isso não depende de um deus.

— Isso é romântico, é datado também.

— Meus antepassados eram silésios do leste e alemães do Mosela. O choque cultural talvez seja maior em nós porque a semelhança maior aumenta as diferenças. Vi coisas muito pesadas lá de onde venho. Ainda estou me adaptando aqui. Sem futuro, não tenho presente.

Senti que era hora de me retirar. Juntei minhas coisas, me levantei, coloquei o chapéu e fui para a porta. Como era de dia, não

estava tão frio que precisasse de luvas. Senti uma frustração no rosto de Celine. Eu sabia que eu estava sendo idiota. Ela poderia ser o meu visto de entrada na Comunidade Europeia, e já por isso eu achava que devia ir embora. Porque me sentia atraído, devia me retirar. Ela não entendeu isso.

Resolvi dar uma longa caminhada, não entrar na primeira estação de metrô, mas seguir adiante para pensar em meio à primavera berlinense. Havia frágeis brotos verde-claros surgindo nos galhos negros das árvores desnudas. Peguei o ônibus que ia para Dahlem.

Decidi ir até à Mensa, o restaurante universitário. No hall de entrada eram afixados bilhetes com variadas finalidades: carona para viajar até Frankfurt ou Paris, proposta para partilhar férias na Itália, entradas de teatro, serviços de baby-sitter, mas também – e aí estava o que eu procurava – quartos para alugar. Escolhi três endereços com telefone e fui à cabine no canto direito, sempre tínhamos moedas conosco para conectar. Não havia ainda celular nem internet. O primeiro local já tinha sido alugado, no segundo ninguém atendeu, no terceiro um simpático berlinense me disse que havia um bom quarto vago, pois um amigo dele havia ido para os Estados Unidos fazer doutorado. Confirmei o endereço em Steglitz e marcamos para eu ir conhecer o quarto.

Peguei o metrô até a estação Schlosstrasse, caminhei mais uns quinze minutos e cheguei a um prédio antigo de quatro andares. No terceiro andar, emoldurado pela porta, me esperava Reinhardt, com seu carregado sotaque berlinense. Ele tinha o que se chamava de “berliner grosse Schnautze”, um jeito de falar, “boca grande berlinense”, que gozava de tudo, com um misto de sofisticação cosmopolita e rudeza. Era preciso não levar muito a sério tudo o que dissessem, mas entrar no espírito de brincadeira, que começava ironizando a si mesmo.

Reinhardt me explicou que estava fazendo doutorado em ciência política sobre a criação da DDR, a Alemanha Oriental. Levou-me a ver o quarto, explicou o preço do aluguel, que era proporcional ao aluguel de todo o apartamento dividido pelos metros quadrados que cada um ocupava. Disse que como estariam entre quatro, cada um tinha uma semana por mês para cuidar das partes comuns, fazendo a limpeza e levando o lixo. O quarto era espaçoso, com duas janelas dando para árvores em uma rua pequena e sossegada. Tinha armá-

rios, estantes, escrivaninha: era tudo o que eu precisava. O aluguel estava dentro das possibilidades de minha bolsa. Reinhardt me apresentou ainda a uma enfermeira suíça, que estava fazendo um curso, e disse que a companheira dele estava trabalhando, era assistente social. Ele me repassou as chaves do prédio e do apartamento, dizendo que eu poderia vir quando quisesse.

Fui com o ônibus 85 até o apartamento em que morava na Ringstrasse. Bernd estava lá e eu disse que, em vista da necessidade de Berbel retomar a moradia, eu havia providenciado outro lugar para ficar. O aluguel do mês estava pago e eu disse que levaria o que pudesse em duas malas, ficando de pegar o resto dois dias depois, quando devolveria a chave. No dia seguinte eu não podia, pois tinha aulas. O contrato de aluguel ainda estava em nome de Berbel, ela tinha direito de morar lá.

Eu não quis discutir detalhes de relacionamentos. Bernd disse que devia estar havendo um grande mal-entendido, que eu precisava entender a situação. Eu disse que não havia mais nada a entender. Fiquei arrumando minhas duas malas com roupas, livros, cadernos, sapatos.

Quando prontas, desci a escada com esforço e fui até a parada de ônibus. Eu não tinha dinheiro para chamar um táxi, mas tinha um passe mensal estudantil para ônibus e metrô. O chofer teve a paciência de esperar que eu entrasse com as malas. Ele já me conhecia e assim fui até a Schloßstrasse e de lá para a minha nova moradia, onde me instalei.

Dois dias depois fui, com as malas vazias, buscar o resto das minhas coisas. Quem estava lá me esperando era Berbel, a quem dei as chaves. Ela queria que eu ficasse, aprofundando nossa relação, dizendo que havia se decidido por mim. Eu fui claro:

— Se uma mulher tem alguma dúvida entre mim e outro homem, para mim ela não precisa mais ter dúvida, porque eu fico fora da disputa, por mais que esteja apaixonado. Ela que fique com o outro.

— Uma mulher tem direito a dúvidas.

— Tem. E que fique com elas.

— Mas você disse que gostava de mim!

— Eu gosto muito de você, mas uma voz em mim diz que eu não posso aceitar você, por mais que eu queira. Sinto ternura por

— você, encanto. Você tem muitas qualidades, mas... você é vários anos mais velha que eu. Eu vou sempre ser atrasado, imaturo. Eu não tenho futuro certo nenhum.

— Logo agora que eu havia me decidido por você!

— Mas para mim já está decidido. Eu não posso ficar com uma pessoa ambígua, que sempre estaria escondendo as coisas mais relevantes. Você usa a verdade para mentir melhor. Você iria querer definir meus caminhos. Eu não quero depender de ninguém que me manipule.

— O que foi que o Reinhardt lhe disse?

— Nada. Pouco importa, ele mentiria. Você mesma disse “was der Bauer nicht kennt, das frisst er nicht”: o que o camponês não conhece, isso ele não come. Eu sou o camponês primitivo para você. Tudo bem. Venho de um país atrasado, meus antepassados foram colonos, camponeses. Eu não sou nem quero ser como vocês. Se eu sou amigo de alguém, não apronto sacanagens contra ele por trás das costas. Vim estudar, me aperfeiçoar, isso me mantém de pé, num meio em que eu não conhecia ninguém. Nas universidades brasileiras não tem havido lugar para mim.

— Eu pretendo mudar para o Brasil. Tenho jeito de abrir portas para nós lá.

— Você viveu 14 anos lá e 14 aqui. Oscila entre uma identidade e outra. Isso a torna uma pessoa rica, mas ambígua e inconfiável. Quando você veio estudar aqui, tinha um namorado lá. Simplesmente largou ele, conforme seus interesses. Eu não quero ser um utensílio conveniente. Não consigo confiar em você, lamento dizer. Fique com quem quiser, eu fora. Por mais que a deseje, não posso esquecer a voz que me impede de confiar em você.

Enquanto eu falava, fui pegando o resto das minhas roupas, livros e apetrechos. Não era muito. Nem encheu as duas malas. Enquanto descia a escada para a rua, ouvi atrás de mim:

— O que o homem pode, a mulher pode também!

— Vocês não precisam imitar os tantos defeitos dos homens!

— Você não entendeu nada!

— Talvez não! Eu nem sequer sei se estou agindo certo. Prefiro apenas me retrair. Toda vez que fiz perguntas a você, levei choques,

mais ainda porque eu sentia que aquilo que você contava era menor do que aquilo que você havia feito e pensado. Você não soube prezar o seu corpo. Não pode querer que eu fique fascinado. Você é a minha fraqueza, eu não quero me forçar a ficar como eu seria conveniente para você.

Chegamos à parada de ônibus. Eu sabia que dentro de alguns minutos o ônibus chegaria. Era um horário fixo, certo. Sabendo que poderia escapar logo, acrescentei:

— Não pense que não sinto encanto por você, que não vejo suas qualidades. Eu posso até detestar meus pais, mas isso não deveria me levar a negá-los em você, aceitar o que para eles seria inaceitável. Eu preciso manter um resto de razão. Você e Bernd façam o que quiserem, estou fora.

— Você não entendeu nada!

— Qualquer coisa que eu perguntasse a vocês iria topar com o logro que vocês são. Não vou pedir explicações. Vocês são o que são, não há nada que se possa fazer. Você olha sempre de outro galho: parece inteligente, mas é apenas esperta. Sempre vai ver primeiro o que lhe é mais vantajoso. Tomara que sua ambiguidade não se torne só oportunismo. Talvez não.

— Meu pai morreu durante a guerra. Minha mãe casou com um físico atômico romeno. Com minha mãe falávamos alemão; com o padrasto, francês; entre nós, português.

— Sim, o seu espanhol também é perfeito. Você consegue se esconder sem sotaque em diversas línguas, como se fossem identidades diversas. Que você use bem várias línguas, não a torna perfeita para um relacionamento afetivo. Não é do meu feitio eu me acomodar ao poder, driblar arestas, ser orgânico do sistema, fingir ser profundo sem ser. Eu estou fora disso.

— Estenda a sua mão para mim!

— Vou estender para o ônibus que está chegando lá! Eu quero preservar a imagem linda que eu construí de você em mim, mesmo sabendo que você não é ela. Vou guardar o encanto do nosso encontro. Não quero ver lama sobre ele nos sufocando. É por eu amar você que me separo. Mas talvez não seja você que eu amo: é a imagem que eu fiz em mim, tão bonita que você não consegue na sua ambiguidade sustentar.

O ônibus estava chegando. Fiz sinal, ele parou. Subi com as malas, ele arrancou. Voltei então o olhar para trás e lá estava Berbel me acenando.

Enquanto o ônibus rodava de Lichterfelde-West para Steglitz, eu fiquei me xingando pela atitude precipitada e insensata. Devia ter ficado aberto a alternativas. Eu não tinha, porém, alternativas. Não podia sequer esperar que minha bolsa fosse prorrogada.

O diretor do instituto, do qual eu dependia, estava desaparecido há quinze dias. Ele era judeu, mas ele não tinha interesse em ajudar professores que não fossem judeus. E eu não era. Havia na universidade uma tensão com professores que tinham passado nazista, daí terem promovido o judeu. Temia-se que tivesse se suicidado, como de fato se confirmara na véspera. Ele tinha tudo o que os outros mais desejavam e, mesmo assim, nada era importante, tinha ficado cada vez mais deprimido. Um homem muito inteligente, sem sabedoria de vida.

Nosso suicida, quando adolescente, tinha sido posto com o pai, que era um psicólogo célebre, num campo de concentração nazista. O exército nazista carecia de gasolina no final da guerra: os americanos ofereceram combustível em troca de intelectuais judeus relevantes. Parecia que os judeus já dominavam os Estados Unidos. Nosso diretor e o pai foram trocados por gasolina americana. Quando ele não tinha nem 30 anos, ofereceram-lhe uma cátedra e um instituto na Universidade Livre, que se dizia ser então financiada pela Ford Foundation. Colocando-se um judeu, acobertavam-se dezenas de professores alemães com passado nazista.

O instituto era de boa qualidade, eu tinha muito a aprender, sem muito tempo sobrando. Haviam me sugerido ir a Paris, estudar lá, mas eu não acreditava que a fonte alemã da minha bolsa iria aceitar essa mudança. Dos meus pais, eu não podia esperar nada. Tinham tido mais filhos do que condições de bem criar. Como primogênito, eu não podia sobrecarregar meus irmãos. Eu não tinha nem preço nem valor. Era apenas um estudante estrangeiro, sequer uma promessa de futebol.

Eu não tinha emprego me esperando no Brasil. Pelo contrário, todos os professores dos quais eu fora mais próximo haviam sido cassados pelo AI-5, tinham dificuldades de sobreviver. Um grande filósofo estava em Paris, cuidando da portaria de um prédio.

Assim, povoado de pensamentos mais sombrios que um relacionamento pessoal, segui até a Schlosstrasse, onde desci com as malas e fui para o novo quarto. No caminho comprei dois doces para o chá das cinco da tarde. Eu decidira retomar meus estudos de violino e tinha sido admitido na Escola de Música. Seria minha diversão, meu equilíbrio. Meus colegas de moradia haviam aceitado que eu estudasse.

Ao contrário de Nelson Rodrigues, eu não pensava que na vida tudo gira em torno de sexo. Eu tinha mais a fazer enquanto ainda pudesse estudar. A meu modo, eu estava feliz com a limitada vida que ia levando. Dentro dos seus estreitos limites estava o que então para mim fazia sentido.

